

# **I CONGRESSO CRIM/UFMG**

## **GÊNERO E INTERFACES COM SAÚDE FÍSICA E MENTAL**

---

G326

Gênero e interfaces com saúde física e mental [Recurso eletrônico on-line] I Congresso  
CRIM/UFMG: UFMG – Belo Horizonte;

Organizadores: Luiza Martins Santos, Mariana Karla de Faria e Raíssa Emmerich Santana  
- Belo Horizonte: UFMG, 2021.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5648-366-5

Modo de acesso: [www.conpedi.org.br](http://www.conpedi.org.br) em publicações

Tema: Gênero, feminismos e violência.

1. Violência de Gênero. 2. Saúde. 3. Mulher. I. I Congresso CRIM/UFMG (1:2021: Belo Horizonte, MG).

CDU: 34

---



# I CONGRESSO CRIM/UFMG

## GÊNERO E INTERFACES COM SAÚDE FÍSICA E MENTAL

---

### **Apresentação**

O CRIM/UFMG é um Programa de extensão universitária da UFMG sobre violência de gênero, proveniente do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão em Crimes Contra a Mulher criado em 2019 por um grupo de estudantes universitárias da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que perceberam a necessidade de ampliar o espaço de debates, denúncias e enfrentamento da violência de gênero dentro da instituição.

O objetivo do Programa é trazer para o grande público questões relevantes referentes ao combate à violência de gênero de forma didática e acessível, de modo a contribuir em diferentes perspectivas, a partir da atuação estudantil em frentes com Profissionais de Saúde, Educação, Infância e Juventude bem como na abordagem de acolhimento de migrantes e refugiadas. Dessa forma, entende-se a necessidade de se desenvolver atividades – que não se limitem ao espaço acadêmico - por meio da criação grupos de estudos, eventos, campanhas de conscientização sobre o tema, além de ministrar oficinas, cursos e capacitação que abordem os diversos tipos de violências de gênero numa perspectiva de promoção da igualdade de gênero. Nesse sentido, o Programa, a partir de uma construção coletiva, busca romper com a cisão criada em uma sociedade desigual e assim, colocar como sujeitos políticos grupos historicamente marginalizados.

Nessa perspectiva, o I Congresso CRIM / UFMG - Gênero, Feminismos e Violência pretende incentivar o debate sobre os progressos e desafios em relação à temática gênero, considerando a integralidade da vivência do ser mulher em uma sociedade machista, cisgênera, heteronormativa, com claros atravessamentos de classe e raça.

O GT 5 - Gênero e Interfaces com Saúde Física e Mental se propôs a discutir experiências conexas ao gênero e saúde física e/ou mental, a partir da compreensão da saúde não apenas como uma ausência de doenças ou no seu aspecto biológico, mas sim como um produto de determinantes e barreiras sociais, econômicas, históricos e políticos. Assim, foram acolhidos os trabalhos que promoviam a reflexão sobre o gênero, como direitos reprodutivos/sexuais, esterilização, violência obstétrica, violência doméstica, papéis de gênero entre outros. Esses temas se vincularam à saúde física e mental e os textos foram desenvolvidos mediante pesquisas de abordagens qualitativas e/ou quantitativas ao realizarem um estudo com relevância teórica e prática. Alguns pontos discutidos foram: 1. Direitos reprodutivos e/sexuais e questões relacionadas a humanização da saúde; 2. Depressão, ansiedade e gênero;

3. Violência Doméstica; 4. Assistência à vítima de violência e suas consequências na saúde; 5. Políticas Públicas voltadas para gênero e saúde; 6. Desigualdade de gênero entre profissionais da saúde; 7. O papel do cuidado na saúde da mulher; 8. Promoção e acesso à saúde; 9. Transexualidade e saúde e 10. Vulnerabilidades sociais e autonomia.

## **LORENA, KAFKA, CORPOS TRANS E TRAVESTIS, E O DIREITO (DE EXISTIR)**

### **LORENA, KAFKA, CUERPOS TRANS Y TRAVESTIS, Y EL DERECHO (DE EXISTIR)**

**Patrícia Moreira de Menezes <sup>1</sup>**

#### **Resumo**

A pesquisa se propõe a discutir a vivência dos corpos trans e travestis em uma sociedade que construiu normatividades e materialidades a fim de concretizar domínio sobre corpos “não viáveis”. A abordagem é feita em interface com a literatura (Kafka em *A metamorfose*) e com aporte teórico em Judith Butler. A discussão para além do gênero tenta superar a obrigação de um sexo verdadeiro dentro de padrões taxativos, que contribui para práticas violentas a travestis e trans. Se conclui que a construção do gênero favorece a precarização das vidas, da saúde física e mental das pessoas travestis e transexuais.

**Palavras-chave:** Corpos trans e travestis, Normatividades, Violência

#### **Abstract/Resumen/Résumé**

La investigación propone discutir la experiencia de los cuerpos trans y travestis en una sociedad que construyó normatividades y materialidades para lograr el dominio de los cuerpos “no viables”. El abordaje se realiza en una interfaz con la literatura (Kafka en *La metamorfosis*) y con soporte teórico en Judith Butler. La discusión más allá del género intenta superar la obligación de un sexo verdadero dentro de estrictos estándares, que contribuye a prácticas violentas contra travestis y transexuales. Se concluye que la construcción de género favorece la precariedad de vida, salud física y mental de travestis y transexuales.

**Keywords/Palabras-claves/Mots-clés:** Cuerpos trans y travestis, Normatividades, Violencia

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Direito - UFPR. Professora adjunta da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN.

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa se propõe a problematizar a violência que engendra a situação na qual o corpo é uma barreira para a satisfação de direitos individuais e sociais básicos do ser humano, previstos para todos na Constituição Federal de 1988 (vida, liberdade, saúde, trabalho, entre outros). Há corpos que estão sempre na órbita do não direito.

Já partimos da afirmação que não se pode dizer que há direito à saúde quando nem o direito à vida é garantido a alguns corpos; e que a não garantia à vida também está relacionada com o ódio que perpassa as relações sociais e de poder na atualidade.

Em 17 de fevereiro de 2021 o Brasil assistiu a notícia de um abandono em meio a um incêndio em uma clínica localizada em Taboão da Serra (SP). Foi da pernambucana e mulher trans Lorena Muniz, de 25 anos, que ao tentar realizar cirurgia estética, faleceu em 21 de fevereiro de 2021 (4 dias depois de ser irresponsavelmente abandonada sedada na sala de cirurgia). Sedada, ela não pode fazer o que tantas pessoas transgêneras e travestis fazem neste país: correr da morte.

O abandono de Lorena foi muito anterior ao dia 17 de fevereiro 2021. O Brasil é o país que mais mata em razão da transfobia (ANTRA, 2021b). No Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020, Bruna Benevides (2021, p. 7) diz: “Em 2020, o Brasil assegurou para si o 1º lugar no ranking dos assassinatos de pessoas trans no mundo, com números que se mantiveram acima da média.”

Em nota sobre a morte de Lorena, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2021a), registrou a grave situação que acomete a população trans no Brasil quando se trata dos cuidados relacionados à saúde, com os mais baixos índices de acesso e de cuidados, também causados por transfobias institucionais, que afastam as pessoas trans das unidades de saúde. É por esta razão que entendemos, nesta pesquisa, a fundamentalidade em tensionar narrativas e ações institucionais que não incluem todas as vítimas.

Como se vê, descaso, abandono e exclusão fazem parte da experiência de vida de transexuais e travestis no Brasil. São inerentes ao seu existir, este que está sempre ameaçado pelo ódio. Ódio que vem disfarçado de medo ou receio. A exclusão causada pela discriminação é um dos mais profundos e complexos problemas que há na sociedade. Para refletir sobre esta questão, partimos do pressuposto que este fenômeno não é acidental, é uma construção, e a construção é em razão de um projeto de poder.

Por escolha metodológica, fazemos a reflexão teórica preponderantemente a partir de Judith Butler (2002a, 2002b e 2019). Usamos Butler para pensar além da materialidade do corpo e vulnerabilidades; e para refletir sobre corpos abjetos.

A fim de alcançar o objetivo da pesquisa teórica, ainda sobre a metodologia, haverá um olhar sobre a situação das pessoas trans e travestis, fazendo interface com a literatura, lançando mão de Kafka na obra *A metamorfose*.

O desenvolvimento está organizado em duas seções. Inicialmente haverá uma incursão na estória de Gregor Samsa (*A metamorfose de Kafka*) articulada com a morte de Lorena Muniz e a realidade de pessoas trans. Na sequência serão discutidas questões teóricas a partir de textos de Judith Butler (2002a, 2002b e 2019), Phillippe Sabot (2017) entre outros autores.

## **2 METAMORFOSE E ABANDONO**

A opção metodológica por fazer uma interface com a literatura kafkaniana é em razão da opressão que perpassa a sua obra e que pode ser relacionada ao sentimento de pessoas trans e travestis, em que o corpo é o protagonista que antagoniza com ordens pré-estabelecidas e fixas entorno de sexualidade, gênero e família. A escolha metodológica também se dá pelo fato de Gregor ter sofrido uma metamorfose, o que o aproxima da transição nos corpos trans e do trágico fim de Lorena, que foi morta em uma cirurgia estética para adequação corporal à sua verdade.

Em *A Metamorfose* (KAFKA, 2002), Gregor Samsa – trabalhador e arrimo de família - acorda um inseto monstruoso. Este já é o primeiro parágrafo. Toda a obra se desdobra naquele envolvimento com a situação dele e a relação com a família, que não aceita sua aparência, mesmo sabendo que aquele inseto é Gregor. Ele está ali, dentro daquele corpo que eles não aceitam. O alimentam, o suportam; mas o deixam de fora das questões da família.

Há um episódio curioso em que Gregor resolve se rebelar e sair do quarto e seu pai o ataca jogando inúmeras maçãs. O pai arremessa as maçãs enquanto Gregor fica paralisado de susto e horror. Erra muitas, mas uma lhe penetra as asas, causando-lhe dor insuportável. Lembra-nos o pecado original... Uma maçã fica presa às suas costas e ali apodrece. Ficou como uma “lembrança visível”. (KAFKA, 2002, p. 77) O ódio às pessoas trans e travestis também é justificado na sociedade pelo discurso religioso e a construção da ideia de pecado.

O ferimento tinha diminuído seus movimentos e Gregor já não podia voar. Como tantos trans e travestis, que são impedidos de ser livres, Gregor foi cada vez mais ficando invisibilizado e vulnerabilizado, pelos seus próprios familiares. A noite a família abria a porta do quarto (momento que Gregor esperava ansioso) e “[...] imerso na escuridão do quarto, podia ver, sem ser visto da sala, toda família à mesa iluminada e escutar suas conversas, [...]” (KAFKA, 2002, p. 78)

Os familiares vão abandonando Gregor no quarto, sozinho. E ele, desejando que um dia tudo seja como foi e ele retorne aos assuntos da família e do trabalho. Um dia sua irmã falou: “Não quero pronunciar o nome do meu irmão diante desse monstro, e digo mais: precisamos nos livrar dele. Tentamos o humanamente possível para assisti-lo e suportá-lo, e creio que ninguém poderá nos censurar por qualquer coisa que seja.” (KAFKA, 2002, p. 97) Os pais concordam e a irmã o tranca no quarto. A família o abandona porque não suporta vê-lo. E ali ele morre... Sozinho e recordando de sua família com emoção e amor. Nem a maçã podre o incomoda mais. (KAFKA, 2002) “O monstro” ao qual a irmã se referiu era o próprio Gregor.

Na obra, a ojeriza dos familiares à Gregor é em razão de seu corpo. Gregor era, para a família, só aquele corpo que os causava repulsa. Um corpo impensável. Eles olhavam para aquele corpo e não viam Gregor (o ser humano, a pessoa). Será que podemos pensar para além do corpo, do sexo, do gênero? É alarmante como, em sociedade, algumas pessoas são tratadas apenas como corpos abjetos (na acepção de BUTLER, 2002a e 2002b), corpos que não importam.

Em algumas existências, a abjeção se evidencia, porque, diferentemente de muitas outras situações - também alvo da discriminação sexual, que fique registrado -, para as pessoas trans e travestis, não há como escolher “não assumir”; seja por medo ou outra justificativa. Não podem performar, no sentido que Butler (2019) utiliza também para explicar atos performáticos a fim de encaixar-se em essencialismos e categorias estanques, na construção do gênero. Os corpos travestis e trans são o anúncio da não identidade com o sexo biológico e/ou o anúncio da transição. Há sempre uma verdade – a verdade do sujeito - que é exposta pelos corpos de pessoas trans e travestis, de onde não se pode evadir. E é para estes corpos que as agressões se voltam na sociedade.

Os dados do Brasil revelam que pessoas travestis e transexuais sofrem de uma morte que se morre aos poucos, dia a dia, soterradas pelo ódio – que lhes agride na infância, que lhes tortura, que lhes nega trabalho, que lhes nega saúde e afeto –, e que também se morre de emboscada em algum trecho de sua estrada, sempre tão cheia de percalços.

A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), publicou nota sobre Lorena e sua morte, destacando que:

Cabe ressaltar que, de acordo com as informações de pessoas presentes no ocorrido, ela ainda estava sedada aguardando a cirurgia e ao ser abandonada pela equipe da clínica, acabou inalando uma alta quantidade de fumaça e gás carbônico, que ocasionou um agravamento na sua saúde. [...] Lembramos ainda que nas primeiras notícias veiculadas pela mídia sobre o incêndio na clínica, foi noticiado que não havia vítimas e também foram relatadas diversas tentativas de invisibilizar, atrapalhar ou ocultar a situação grave que acometeu Lorena. (ANTRA, 2021a, n.p.)



Tenta-se apagar até a morte. Invisibilização em vida e na morte. Lorena se insere em um fenômeno que é mundial e que merece destaque. Quando se trata de subalternidades e vulnerabilidades, quem mais sofre é quem vivencia o gênero feminino.

De acordo com o último relatório da Transgender Europe (TGEU) lançado em 2020, que analisa o ranking mundial de assassinatos de pessoas trans pelo mundo a partir dos dados coletados em pesquisas como a nossa no Brasil, 98% das vítimas de assassinatos globais são pessoas que vivenciam o gênero feminino. Esse dado aponta para como o gênero é um dos fatores centrais que colocam essa parcela da população em risco aumentado de violências e de serem vítimas de assassinatos. (ANTRA, 2021b, p. 15)

É importante registrar que a vulnerabilização e subalternização não são uníssonas. As pessoas que vivenciam o gênero feminino não as vivencia da mesma forma. Há graus de vulnerabilização e subalternização diferentes, a depender da realidade concreta.

### 3 CONSTRUÇÃO NORMATIVA DO CORPO, DO GÊNERO E A (NÃO) VERDADE

A raça e o gênero são construções político-históricas para controlar, discriminar, explorar, punir e até matar, estabelecendo corpos para que, como ocorreu com a família de Gregor e a equipe que operava Lorena, se justifique e naturalize o abandono e a morte. Não são vidas, são corpos abjetos que podem ser descartados pelas pessoas que se dizem superiores e tomam para si o status de definir o que é a verdade. Diz Butler (2019, p. 235):

Gêneros são organizados para contribuir com um modelo de verdadeiro e falso, que não apenas contradiz sua característica performática fluida, como também colabora com uma política de regulação e controle deles mesmos. Performar seu gênero de maneira errada implica um conjunto de punições, tanto óbvias quanto indiretas, e performá-lo bem garante a reafirmação de que, no fim das contas, existe uma essência nas identidades de gênero.

E para agravar a situação, a construção é heterossexual e patriarcal. Spivak (2010, p. 67) afirma: “A construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina.”

Quando Sabot (2017) faz uma análise de sexualidade, identidade e verdade<sup>1</sup>, registra que os desafios que rodeiam a sexualidade de Herculine Barbin (hermafrodita) se problematizam em dois eixos: eixo da verdade e eixo da discursividade. No eixo da verdade (do “verdadeiro sexo”) se elaboram entrelaçamentos entre normas de gênero com normas médico-jurídicas. Sabot (2017, p. 67) explica:

De início há um *estar no verdadeiro* quanto ao sexo, no sentido normativo da expressão, e que, através da designação a apenas um sexo, é a chave para um controle dos corpos e das sexualidades, traduzindo-se por uma forte coação sobre a identidade de gênero.

---

<sup>1</sup> Faz a análise partindo de Foucault e o hermafroditismo no caso de Herculine Barbin. Não é a situação específica que se trata no resumo, mas serve para problematizar situações fora da normatividade e a verdade.

Mais à frente, Sabot (2017, p. 71) vai dizer em um esclarecimento importante:

A verdade do sexo, a continuidade entre sexo e gênero procede, na realidade, de uma análise normativa da sexualidade no sentido de práticas sexuais e mesmo das inclinações do desejo. O discurso médico resiste fortemente a toda perturbação da relação unívoca (e *normal*) que *deve* existir entre gênero e desejo. Por conseguinte, é evidente que o diagnóstico médico do *verdadeiro sexo*, na medida em que ele se quer o garantidor dos bons costumes e das boas práticas sexuais, na verdade visa manter a homossexualidade (masculina ou feminina) à margem de toda verdade e toda moralidade. Ainda que ele tome a forma de um discurso científico que objetiva os caracteres do verdadeiro sexo, tal diagnóstico repousa sobre uma distinção preliminar e normativa entre o domínio do normal (que remete à diferença sexual e às práticas heterossexuais que não cessam de confrontar sua naturalidade), e o domínio do obscuro e transgressivo do patológico (baseado numa perturbação dessa diferença sexual e que remete à monstruosidade e à periculosidade social e moral dos comportamentos fora da norma).

A verdade do sexo, mesmo baseada em verdades médicas e também legais, é uma manipulação, a fim de se fazer operacionalizar interesses de quem está no controle dessas normatividades, que não tolera diversidade e nega o desejo fora do que eles pré-fixaram. Ocorre que as pessoas que vivenciam esta submissão normativa podem ficar como Herculine Barbin, com uma vida perturbada por estas normatizações.

Sabot (2017, p. 74) finaliza sua análise sobre a narrativa de Herculine Barbin (que se tornou Abel) dizendo que “a veridicação médico-legal, em matéria sexual, não esgota a verdade do sujeito, ela continua coagindo sua existência com força e terrivelmente:[...]”

Por isso que a discussão para além do gênero tenta superar esta obrigação de *um sexo verdadeiro* dentro de padrões estabelecidos em categorias taxativas.

As vulnerabilidades não são iguais, como já pontuado. Ao tratar sobre a situação das mulheres trans, Benevides e Cunha (2021, p. 15) dizem:

Vidas insistentemente escritas como abjetas, matáveis, fora da norma e que, portanto, merecem aquilo que enfrentam, reduzidas em sua capacidade de existir entre os normais, tendo sua humanidade negada, descaracterizada. Como consequência, cria-se um processo que afasta a possibilidade de sentirmos compaixão. Uma vida mundana, perversa, pervertida e doente (sic). O que lhe resta, sob a ótica religiosa, é o pagamento do pecado: a morte.

Aqui vamos mais uma vez para Butler. A compreensão, em Butler, de corpos abjetos, não é fixa. Butler (2002b, p. 161 e 162), explicando o que poderia ser um corpo abjeto, diz que

o abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas 'vidas' e cuja materialidade é entendida como 'não importante'. Para dar uma idéia: a imprensa dos Estados Unidos regularmente apresenta as vidas dos não-ocidentais nesses termos. O empobrecimento é outro candidato freqüente, como o é o território daqueles identificados como 'casos' psiquiátricos.

Quando Butler (2002a) trata da materialidade dos corpos e normatividade, não nega que o corpo é matéria, mas diz que há uma construção que vai além da matéria, dos contornos,

posto que envolve relações de poder. O que está por trás desta materialização? Butler (2002a, p. 18 e 19) explica:

Nesse sentido, o que constitui a fixidez do corpo, seus contornos, seus movimentos, será algo totalmente material desde que a materialidade seja repensada aqui como o efeito do poder. Não há forma alguma de entender o “gênero” como um constructo cultural imposto sobre a superfície da matéria, seja ela entendida como “o corpo” ou como seu suposto sexo. Ao contrário, uma vez que o “sexo” em si é entendido em sua normatividade, a materialidade do corpo já não pode ser pensada separadamente da materialização dessa norma regulatória. Portanto, o “sexo” é não apenas o que se tem ou uma descrição estática do que se é: será uma das normas pelas quais o “sujeito” pode chegar a ser totalmente viável, o que qualifica um corpo para a vida dentro do domínio da inteligibilidade cultural.

É um dos motivos para uma reformulação da materialidade dos corpos que Butler (2002a) propõe. Diz Butler (2002a, p. 19) que o imperativo heterossexual,

matriz excludente pela qual os sujeitos são formados requer a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são “sujeitos”, mas que formam o exterior constitutivo do domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “não-vivíveis” e “inabitáveis” da vida social que, não obstante, são densamente povoadas por aqueles que não alcançam o estatuto de sujeito, mas cujo viver sob o signo de “inabitável” é necessário para circunscrever o domínio do sujeito.

A partir dos estudos, aqui expostos, passando por Butler e Sabot vemos o quanto de *não* verdade e de controle há nas construções normativas. Para submeter há a necessidade de se construir discursos e práticas para que as relações de poder se desenvolvam e se justifiquem (socialmente, politicamente, institucionalmente). Essas construções têm sido um atentado contra a saúde física e mental da população travesti e trans, impedindo uma existência com dignidade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dados dos relatórios e notícias de 2020, junto com as notícias no Brasil sobre torturas e assassinatos de travestis e trans desde o início de 2021, com números cada vez mais alarmantes, vêm dizer de um outro adoecimento que não o adoecimento dos oprimidos em si... Diz do adoecimento da nossa sociedade, consumida pelo ódio, que perpetua dor e sofrimento a pessoas que não estão em acordo com sua normatividade criada na *não* verdade dos sujeitos. Uma normatividade para reserva de espaços, inclusive públicos, para aqueles que se intitulam *normais* a partir de uma imagem que é um simulacro, que também é performance. E assim, ao impor uma normalidade que exclui, normalizam a brutalidade e a sua própria insanidade.

Refletir sobre a situação da população travesti e trans a partir de análises de Butler permite uma maior compreensão do que engendra as relações do poder. Tensionar a ciência e

as demais instituições, que ao não incluir todas as vítimas nas ações e narrativas, contribuem com a violência e os torna cúmplices, é fundamental na atualidade.

A verdade está espalhada em todas as vidas, em todas as existências; sendo a partir deste ponto a construção de políticas públicas e de discursos científicos. Assim entendemos.

Concluimos as reflexões teóricas afirmando que a construção do gênero contribui para a precarização das vidas e da saúde física e mental das pessoas travestis e transexuais.

## REFERÊNCIAS

ANTRA (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS). Nota pública da ANTRA em luto por Lorena Muniz e sobre a saúde trans. **Portal da ANTRA**, Brasil, 21 fevereiro de 2021a. Disponível em: <<https://antrabrasil.org/noticias/>> Acesso em março de 2021.

BENEVIDES, Bruna e CUNHA, Neon. INTRODUÇÃO. A) GISBERTA, 15 ANOS DEPOIS. *In: Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020*. Bruna G. Benevides, Sayonara Naider Bonfim Nogueira (Orgs.). São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021. Livro digital. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>> Acesso em março de 2021.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del sexo**. 2. Ed. Buenos Aires: Paidós, 2002a.

\_\_\_\_\_. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. BAUKJE PRINS E IRENE COSTERA MEIJER. **ESTUDOS FEMINISTAS**, ANO 10, 1º SEMESTRE 2002b. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2002000100009](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100009)> Acesso em: março de 2021.

\_\_\_\_\_. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre a fenomenologia e teoria feminista. *In: HOLLANDA, H. B. de. Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020. **ANTRA (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS)**. Bruna G. Benevides, Sayonara Naider Bonfim Nogueira (Orgs.). São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021b. Livro digital. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>> Acesso em março de 2021.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

SABOT, Phillippe. Sexualidade, identidade, verdade. *In: FONSECA, A. M. C.; GALANTIN, D. V.; RIBAS, T. F. (Orgs.). Políticas não identitárias*. São Paulo: Entremeios, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.